

Diferença



No plano espiritual não existe diferença entre homens e mulheres, ricos e pobres, negros ou brancos. Todos são iguais e assumem a aparência que melhor se adequar a seus estigmas e preferências. Homens amam homens, que amam mulheres, que amam outras mulheres, que amam crianças e velhos. Não...

 PENSADOR

Aurea Gervasio

A diferença da beleza física com a beleza espiritual é que, a física, você consome por etapas com tempo de validade e a do espírito você consome eternamente.

Dario Nicolau

 PENSADOR

Diferença

Diferença

Falando sobre Diferença

Diferença – (DICIO) Qualidade do que é diferente; dessemelhança.
Que é capaz de distinguir uma coisa de outra.

Diferença – (Espiritismo) O importante é acreditar que você é capaz de fazer alguma coisa.

Mais do que ensinar a ler, escrever, explicar matemática e outras matérias, é preciso ouvir os apelos silenciosos que ecoam na alma do educando.

Mais do que avaliar provas e dar notas, é importante ensinar com amor, mostrando que sempre é possível fazer a diferença...

Diferença

Crônicas e artigos:

Assunto	Origem	Pagina
A Diferença	O Consolador	04
Determinismo e fatalidade	O Consolador	05
Saber e fazer	O Consolador	08
O cultivo da aceitação das diferenças	O Consolador	09
Inteligência e instinto	O Consolador	11

Diferença

A diferença

(Irmão X)

A reunião alcançava a parte final, e, na organização mediúnica, Bezerra de Menezes retinha a palavra.

O Benfeitor distribuía consolações, quando um companheiro o alvejou com azedume:

Bezerra, não concordo com tanta máscara no ambiente espírita. Estou cansado de ser hipócrita. Falo contra mim mesmo. Posso, acaso, dizer que sou espírita-cristão?

Vejo-me fustigado por egoísmo e intolerância, avareza e ciúme; cometo desatenções e disparates; reconheço-me frequentemente caído em maledicência e cobiça; ainda não venci a desconfiança, nem a propensão para ressentir-me; quando menos espero, chafurdo-me nos erros da vaidade e do orgulho; involuntariamente, articulo ofensas contra o próximo; a ambição mora comigo e, por isso, agrido os meus semelhantes com toda a força de minha brutalidade; a crítica, o despeito, a maldade e a imperfeição me seguem constantemente.

Posso declarar-me espírita-cristão com tantos defeitos?

O venerável Bezerra de Menezes respondeu sereno:

Eu também, meu amigo, ainda estou em meio de todas essas mazelas e sou espírita-cristão...

Como assim? – revidou o consulente agitado.

Perfeitamente – concluiu Bezerra de Menezes, sem alterar-se. – Todas essas qualidades negativas ainda me acompanham... Só existe, porém, um ponto, meu caro, que não posso esquecer. É que, antes de ser espírita-cristão, eu fazia força para correr atrás de todas elas e agora, que sou cristão e espírita, faço força para fugir delas todas...

E Bezerra de Menezes, sorrindo:

Como vê meu amigo, há muita diferença.

Correio Mediúnico, A diferença, O Consolador, Nº 352 – 02/03/2014

E. D., Livro: Momentos de Ouro, (cap. 12), (Chico Xavier)

Determinismo e fatalidade

O determinismo absoluto não é ensinado pelo Espiritismo

1 Para os Espíritos Superiores não existe determinismo absoluto. O que chamamos fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova. Escolhendo-a, institui para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que se acha colocado em face da escolha feita. Evidentemente, os Instrutores espirituais referem-se aí às provas físicas, porque no que toca às provas morais e às tentações o Espírito é sempre senhor de ceder ou resistir, visto que Deus lhe conferiu a liberdade de escolha - o livre-arbítrio. Mesmo para as pessoas que pareçam perseguidas por um fatalismo marcante, as causas de suas vicissitudes, se não estão na vida presente, têm sua origem no passado, em existências anteriores.

2 É importante, antes de tudo, não se confundir determinismo com fatalidade. Determinismo é um sistema filosófico que nega ao homem o direito de agir livremente, isto é, de acordo com sua vontade. Esse sistema tem a representá-lo atualmente os positivistas e os materialistas de todas as escolas; mas é curioso notar que sua origem se encontra na escolástica religiosa, que subordinava rigorosamente à influência da Providência Divina a determinação da vontade. O determinismo materialista, como o determinismo religioso, negando o livre-arbítrio, suprime, em consequência, a responsabilidade da pessoa.

3 A ideologia do determinismo vem de longe. Na mitologia grega, encontramos a concepção das Parcas: criaturas que teciam a teia do destino, na qual era colhida a espécie humana, sem que esta dela se pudesse libertar. Para os primeiros pensadores gregos, o destino das pessoas estava intimamente ligado à crença no poder absoluto das forças do Universo. O destino do homem estaria, segundo tal pensamento, determinado por elas; a pessoa, impotente ante elas, devia tão-somente obedecer-lhes.

4 Para Pitágoras e seus adeptos, a natureza do Universo seria formada de maneira a determinar o destino das pessoas. Os segredos de sua sorte estariam encerrados nos números e somente podem ser desvendados se se compreender seu significado. Entender a linguagem dos algarismos seria, assim, fundamental à compreensão dos destinos humanos.

5 Heráclito ensinava que o processo cósmico obedece a determinadas leis. Toda mudança estaria de acordo com uma lei fixa e imutável, lei que constitui o princípio básico do mundo, à qual o homem estaria completamente sujeito. Heráclito refere-se a essa lei ou princípio chamando-a, às vezes, destino; outras vezes, justiça.

Kant propugnou o livre-arbítrio como necessário ao homem moral

6 Quem primeiro procurou afastar o homem da idéia de um destino inexorável foram os filósofos gregos chamados sofistas. Segundo eles, o homem não podia ficar inteiramente preso a um processo ou a leis de que não pudesse desvencilhar-se. Parecia-lhes impossível que o homem não exercesse certo efeito sobre o próprio destino. Sócrates

Diferença

também não aceitava tal domínio sobre os homens. Para ele, o conhecimento constituiria sua realização suprema. Alcançando o conhecimento, o homem agiria com acerto; sem o conhecimento, corria o risco de agir com desacerto. Além dessa concepção tão clara, Sócrates entendia ainda que o homem pode, pelo conhecimento, ter certa influência sobre o seu destino na Terra e na vida futura.

7 Platão era defensor da liberdade. O homem – propunha Platão – pode vencer e de fato vence os objetivos do mundo. Embora criatura do Criador divino, pode ordenar sua vida de modo a vivê-la com espírito de justiça e sensatez. Aristóteles também acreditava na liberdade do homem. Segundo ele, a moral não era questão de lei inevitável, mas de livre escolha: o homem tem liberdade de fazer o que é bom ou o que é mau.

8 Outros filósofos gregos que entraram em cena posteriormente acreditavam ou não no determinismo. Epicuro, por exemplo, não considerava o homem um títere de forças inexoráveis; o livre-arbítrio afigurava-se-lhe importante. Os estóicos pensavam diferentemente, entendendo que o mundo é o resultado de leis fixas e imutáveis.

9 Os pensadores gregos religiosos concebiam uma liberdade relativa para o homem. Fílon acreditava que a encarnação da alma constituía uma queda, uma perda parcial da liberdade que ela possuía antes da encarnação. Plotino também acreditava na liberdade original, ou seja, o corpo é uma prisão e a alma ligada ao corpo está prisioneira, não é livre. Os pensadores cristãos dos primeiros tempos do Cristianismo e os da Idade Média, sobretudo os apologistas, acreditavam num homem basicamente livre e entendiam que sua queda advinha da ligação com o corpo. Pelágio doutrinava que Deus concedeu liberdade ao homem para que ele possa escolher entre o bem e o mal, dentro do espírito do livre-arbítrio.

10 Mais próximos da nossa época, enquanto Espinosa apresenta-se totalmente determinista, Jean-Jacques Rousseau entendia que o homem é livre, não um brinquedo das leis naturais, mas uma alma que luta para viver segundo a liberdade que possui. Kant também propugnou o livre-arbítrio como necessário ao homem moral. O homem não é fatalmente levado à prática do mal

11 Até aqui vimos as principais idéias dos seguidores e dos não seguidores do determinismo, uma divergência que ainda persiste em nossos dias. O Espiritismo, contudo, ensina que não existe um fatalismo, um determinismo que norteia a vida do homem. Os constrangimentos à sua livre vontade resultam de débitos contraídos em existências anteriores que precisam ser resgatados. Sem a admissão da doutrina da reencarnação torna-se difícil entender as nuances desse fato.

12 Das lições espíritas, podemos afirmar que o homem subordina-se a um livre-arbítrio relativo, que se expande ao longo do processo evolutivo, e a um determinismo relativo, decorrente dos equívocos cometidos no passado e que devem ser corrigidos e reparados. A reencarnação anula, portanto, a idéia de que haja contradição entre livre-arbítrio e determinismo e oferece-nos a ponte destinada a ligá-los entre si, de modo que se não choquem nas conjecturas do intelecto.

13 A questão do livre-arbítrio, ensina Kardec, pode resumir-se assim: O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os

Diferença

crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Pode ele, por prova ou por expiação, escolher uma existência em que sofra um arrastamento para o crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que lhe sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir.

14 A fatalidade, como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da vida, qualquer que seja sua importância. A fatalidade não é, porém, uma palavra vã, pois ela existe, de fato, na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí desempenha, em consequência do gênero de vida que seu Espírito escolheu como prova, expiação ou missão. Feita a escolha, a chamada programação reencarnatória, ele sofrerá fatalmente todas as vicissitudes e todos os arrastamentos a ela inerentes. Cessa aí, porém, a fatalidade, pois da sua vontade depende ceder ou não às influências e aos arrastamentos a que voluntariamente se sujeitou. Os pormenores dos acontecimentos ficam, por sua vez, subordinados às circunstâncias que ele próprio cria com seus atos e atitudes.

15 Concluindo, podemos dizer que há fatalidade nos acontecimentos que se apresentam, por serem consequência da escolha que o Espírito fez de sua existência de encarnado, mas nunca existirá fatalidade nos atos da vida moral. Fique claro, contudo, que na escolha feita pelo Espírito são levados em conta os ditames da lei de causa e efeito, ocasião em que determinadas situações poderão ser incluídas na chamada programação reencarnatória, com vistas à expiação e à reparação de danos anteriormente produzidos pelo reencarnante.

Thiago Bernardes, Determinismo e fatalidade, O Consolador, Nº 79 – 26/10/2008

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 851 e 872)

Léon Denis, O Problema do Ser, do Destino e da Dor, (pag. 345)

Martins Peralva, O Pensamento de Emmanuel, (pag. 202)

S. E. Frost Jr., Ensinaamentos Básicos dos Grandes Filósofos,
(tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho), (pags. 137 a 149)

Saber e fazer

“Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes.” — Jesus.
(João, capítulo 13, versículo 17.)

Entre saber e fazer existe singular diferença. Quase todos sabem, poucos fazem.

Todas as seitas religiosas, de modo geral, somente ensinam o que constitui o bem. Todas possuem serventúrios, crentes e propagandistas, mas os apóstolos de cada uma escasseiam cada vez mais.

Há sempre vozes habilitadas a indicar os caminhos. É a palavra dos que sabem.

Raras criaturas penetram valorosamente a vereda, muita vez em silêncio, abandonadas e incompreendidas. É o esforço supremo dos que fazem.

Jesus compreendeu a indecisão dos filhos da Terra e, transmitindo-lhes a palavra da verdade e da vida, fez a exemplificação máxima, através de sacrifícios culminantes.

A existência de uma teoria elevada envolve a necessidade de experiência e trabalho.

Se a ação edificante fosse desnecessária, a mais humilde tese do bem deixaria de existir por inútil.

João assinalou a lição do Mestre com sabedoria. Demonstra o versículo que somente os que concretizam os ensinamentos do Senhor podem ser bem-aventurados.

Aí reside, no campo do serviço cristão, a diferença entre a cultura e a prática, entre saber e fazer.

Elucidações de Emmanuel, Saber e fazer, O Consolador, Nº 258 – 29/04/2012

Emmanuel, Livro: Caminho, Verdade e Vida, (cap. 49), (Chico Xavier)

O cultivo da aceitação das diferenças

O pedagogo Roberto Freire afirma que devemos fortalecer nossa “fé nos homens e na criação de um mundo em que não seja difícil amar”.

Ora, qualquer medida social que seja orientada pelo compromisso fraterno, no lastro do ensinamento cristão, indica a necessidade da conversão da indiferença, chaga social, em tolerância, que, à luz do Espiritismo humanitário, prega o respeito pelo outro, ou seja, uma natural aceitação da diferença, inerente à vida em sociedade.

Não podemos ignorar que cada ser humano é um projeto, apto a desenvolver suas potencialidades em benefício da sua própria evolução e a serviço da família humana. Isso implica compreender que as pessoas têm pontos convergentes, mas também possuem características peculiares agregadas às suas individualidades.

A organização social não é homogênea e cada um carrega sua própria ambiência interior, fruto de seus caracteres individuais e de suas experiências. Logo, compreender a necessidade da indulgência e a superação da indiferença pode facilitar o desenvolvimento da sensibilidade e bem temperar uma concepção mais fraterna, mais afetiva, daqueles que seguem conosco, pois, no mínimo, é o outro que serve à condição de espelho de nossas necessidades de melhora.

A parábola do bom samaritano expõe, por exemplo, a importância da caridade, que é contrária à indiferença de qualquer ordem. Sim, é a caridade que aceita a diferença e que, por isso, ajuda um ser humano a “enxergar” o outro no curso de sua jornada.

De acordo com as palavras de Jesus, é a caridade que levou o samaritano a socorrer o homem, o seu próximo, que foi assaltado e ferido cruelmente no caminho de Jerusalém a Jericó. Nesta bela passagem, o Mestre nos explica o significado da caridade e da humildade e repele, necessariamente, a indiferença, enraizada no egoísmo, que nos embota para o dever cristão de ajudar o nosso próximo, seja ele quem for.

De outro aspecto, inserir a prática da aceitação das diferenças em nossa convivência diária permite a oxigenação dos nossos mecanismos afetivos e nos ajuda a internalizar a indispensável lição de complementaridade e de consenso, pois é sempre possível aprender algo com as pessoas que são diferentes de nós, uma vez que a vida social é formada pela diversidade para impulsionar o aprendizado constante.

Em nosso favor, o cultivo da tolerância nos ensina que os “diferentes” não são adversários, mas sim aliados que nos dão os mais variados contextos para o nosso crescimento e conquista íntima da serenidade.

Se o cuidado com o auto-aprimoramento participa do dever cristão, é a prática da indulgência e o hábito acolhedor que nos possibilitam desfrutar da paz interior, lograda no combate do personalismo e na sincera consideração pela diversidade de pontos de vista e de maneiras de ser e de conviver.

Diferença

Para bem viver, segundo os princípios cristãos, sufoquemos a erva daninha da indiferença, que contribui para a desarmonia das relações humanas. Ora, na contramão do personalismo, lutemos para desenvolver a prática da aceitação das diferenças, que guia uma convivência indulgente, cooperativa e favorável a nossa humanização.

Eugênia Pickina, O cultivo da aceitação das diferenças

– O Consolador, Nº 23 – 21/09/2007

Fontes:

Freire Roberto, Pedagogia do oprimido – Porto: Afrontamento, 1979, (pag. 261)

Kardec Allan, O Evangelho Segundo o Espiritismo, (cap. XV, Item 2 (O Bom Samaritano))

Inteligência e instinto

É à alma que o homem deve sua inteligência e racionalidade

1 A inteligência é o atributo essencial do Espírito, em razão do qual toma ele conhecimento de sua própria existência e exerce atividades voluntárias e livres.

Quando o Espírito atinge o grau de humanização, sua inteligência adquire desenvolvimento superior, como o surgimento da razão e do senso moral, que lhe facultam a capacidade de conceber e reconhecer a existência de Deus.

2 Realizando múltiplos atos livres e voluntários, apresentando finalidade nítida e obedecendo a juízos e raciocínios bem elaborados, o homem é um ser que revela dupla natureza: material e espiritual.

Não nos esqueçamos de que há uma alma unida ao corpo do homem e somente a ela deve ele sua inteligência e racionalidade, seus conhecimentos e sentimentos, bem como sua vontade e liberdade.

3 Existem, entretanto, seres que realizam atos em que se revela também nítida finalidade, mas que parecem obedecer antes a automatismos que a impulsos decorrentes da livre vontade.

Tais atos visam sobretudo à conservação do indivíduo e da espécie, objetivando as funções de nutrição e de reprodução, provendo ao crescimento, ao desenvolvimento e à propagação, enfim, da plena realização da vida.

4 Esses atos são devidos ao instinto – são os chamados atos instintivos.

Existem esboçados no reino vegetal, mas são bem mais evidentes no reino animal, tanto quanto na espécie humana, e ocorrem, seja no homem, seja nos animais, ao lado dos atos inteligentes.

A inteligência e o instinto decorrem do mesmo princípio

5 Existe diferença entre o instinto e a inteligência? Será o instinto, como alguns pensam, um atributo inerente à matéria e não à alma? Se assim fosse, teríamos de admitir que a matéria é também inteligente, o que é manifestamente falso.

Ora, se ao ato instintivo falta o caráter principal do ato inteligente, que é ser deliberado, revela, no entanto, uma causa inteligente, porque apta a prever e a evitar o engano, o que levou muitos estudiosos a admitir que instinto e inteligência procedem de um mesmo princípio, que inicialmente teria somente as qualidades do instinto e depois se desenvolveria, evoluiria e passaria por uma transformação que lhe daria as qualidades da inteligência livre.

6 Esta última hipótese não resiste a uma análise mais profunda, porque freqüentemente o instinto e a inteligência se encontram juntos no mesmo ser e, às vezes, no mesmo ato. No caminhar, por exemplo, é instintivo o simples movimento das pernas, tanto no homem como no animal – um pé vai adiante do outro maquinalmente.

Mas no acelerar o passo ou retardá-lo, bem como no levantar o pé para desviar-se de um obstáculo, intervém a vontade, a deliberação e o cálculo.

Diferença

De igual modo, o animal carnívoro é levado pelo instinto a alimentar-se de carne, mas age com inteligência e mesmo astúcia quando toma medidas para garantir sua presa.

7 Em face disso é que se diz que o instinto é uma espécie de inteligência, enquanto outros afirmam que é uma inteligência sem raciocínio.

O fato é que muitas vezes se torna difícil estabelecer um limite nítido de separação entre o instinto e a inteligência, porque muitas vezes eles se confundem.

8 Inteligência e instinto – e esta é a opinião mais comum – são manifestações do mesmo princípio espiritual, que obedecem a duas determinantes ou a dois motores diferentes: um ligado à vontade e à liberdade do indivíduo, e outro que escapa totalmente à vontade e à liberdade. Nesse sentido, podem distinguir-se perfeitamente os atos que dependem da inteligência desenvolvida daqueles que decorrem estritamente do instinto.

Os atos inteligentes aprimoram-se com a aprendizagem

9 Sendo a inteligência, em sua plenitude, a faculdade de pensar e agir racional e deliberadamente, os atos inteligentes são conscientes, voluntários, livres e calculados. São, além disso, suscetíveis de variações, porque a inteligência, variável e individual por excelência, é suscetível de progresso.

Os atos inteligentes decorrem da aprendizagem e pela aprendizagem se aprimoram, fato que não ocorre com os atos instintivos.

10 Vejamos o exemplo do patinho: logo que rompe a casca do ovo que o mantinha encerrado, se vê próximo um córrego ou um lago, corre alegremente para ele e lança-se na água, nadando imediatamente com perfeição.

Onde aprendeu o pato a nadar? São igualmente instintivos o ato do castor, que constrói sua casa com terra, água e galhos de árvores; o ato dos pássaros, que constroem com perfeição seus ninhos; o ato da aranha, que tece com precisão sua teia.

Vêm-se já aí alguns dos caracteres do instinto: é algo inato, perfeito e específico, ou seja, surge espontaneamente, sem prévia aprendizagem, em todos os indivíduos de uma mesma espécie e leva a atos completos, acabados, perfeitos, desde a primeira vez que são realizados.

11 Verifica-se, no entanto, que esses atos continuam durante toda a vida do ser sem mudança alguma.

Essa capacidade de nadar, de construir, de tecer não sofre variação através dos tempos, de modo que o castor constrói hoje a sua cabana como o faziam seus ancestrais e assim farão os seus descendentes, com os mesmos materiais e da mesma maneira.

Nas edificações dos homens, ao contrário, é evidente a evolução na forma e no uso dos materiais, porque decorrem de atos inteligentes, sujeitos à vontade e à liberdade, variáveis de acordo com as circunstâncias, o que é uma característica dos atos inteligentes.

12 O homem também deve a sua conservação e manutenção a atos instintivos, e não apenas aos atos inteligentes. Lembremos tão-somente o que se dá nos primeiros dias após o nascimento de uma criança, que, do mesmo modo como ocorre com as crias de outros mamíferos, suga o leite materno, sem que ninguém lhe tenha ensinado.

Diferença

A circulação sangüínea, o funcionamento do aparelho digestivo e tantas outras funções verificáveis no ser humano também se devem à força do instinto.

Thiago Bernardes, Inteligência e instinto, O Consolador, Nº 65 – 20/07/2008

Bibliografia:

Kardec Allan, A Gênese, (cap. 3), (itens 11 a 17)